

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

**ALINE DE FREITAS MARQUES**

**COLETÂNIA DE MAPAS DA ÁFRICA**

Juiz de Fora  
2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MARQUES, Aline de Freitas.

COLETÂNIA DE MAPAS DE ÁFRICA / Aline de Freitas  
MARQUES. – 2017.

48 f.

Orientador: Daiana Lucas VIEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. , 2017.

1. História da África. 2. Mapas. 3. Ensino. I. VIEIRA, Daiana Lucas, orient. II. Título.

**ALINE DE FREITAS MARQUES**

**COLETÂ尼亚 DE MAPAS DE ÁFRICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a conclusão do curso Pós-graduação em História da África

Orientadora: Ms. Daiana L. Vieira

Juiz de Fora

2017

## **PARTE I - Apresentação do material didático e debate bibliográfico**

Os propósitos desse trabalho visam não só demonstrar a eficiência dos métodos gráficos como instrumentos tanto de pesquisa, como de comunicação mas principalmente, juntar-se aos esforços de inúmeros pensadores, educadores e pesquisadores que tentam contribuir para discussão de uma política educacional no Brasil, onde a questão racial seja tratada com mais seriedade. E possibilita também, uma melhor interpretação de alguns processos para formação do povo brasileiro.

Pensando assim, depois de anos de reivindicações, em 2003 o então presidente Luiz Inácio sancionou a lei nº10.639, que entre outras atribuições, confere a escola a responsabilidade de incluir no currículo o ensino de história e cultura afro-brasileiras e o resgate da contribuição política, econômica e social do negro no país. Objetivando disseminar os conhecimentos sobre o tema visando construir relações raciais que despertassem o respeito e a valorização das diferenças.

Desde então muitos educadores, de todas as áreas de conhecimento, vem tentando levar os temas relativos a lei 10.639 para o seu fazer pedagógico. E vários debates tem sido levantados, principalmente no que se refere ao racismo. Para alcançar os resultados desejados, é preciso acabar com o mito de que não há racismo por aqui e, portanto, não faria sentido haver uma lei visando superá-lo. Segundo Schwarz (2010, p.104) a existência de um “racismo à brasileira”, em que a discriminação se dá nas relações pessoais, mas não é assumida no coletivo.

O tema gera controvérsia, mas não se pode negar que os africanos contribuíram para a formação da identidade do povo brasileiro. Ao estudar esse conteúdo, é possível conhecer a contribuição do negro para nossa cultura, desconstruir noções de hierarquia racial e estabelecer relações saudáveis, necessárias nas escolas. Contra fatos não há argumentos e quando mostramos aos nossos alunos a diversidade e riqueza da cultura e da história africana os preconceitos vem abaixo.

Muitos sistemas educacionais enfatizam a linguagem escrita e a oralidade, enquanto a linguagem gráfica é vista como uma atividade de lazer do que como um valioso instrumento para comunicação de informações espaciais. Como consequência segundo Seemann (2013, p.50) “muitas pessoas supõem que mapear e usar mapas

são procedimentos fácieis(...)requerem pouca atenção, ou atenção nenhuma, no currículo escolar”.

A cartografia de forma geral é a arte de conceber, de levantar, de redigir e de divulgar os mapas.

Cartografia é o conjunto de estudos e operações lógicas-matemáticas, técnicas e artísticas que, a partir de observações diretas e da investigação de documentos e dados, intervém na construção de mapas, cartas, plantas e outras formas de representação, bem com seu emprego pelo homem. Assim, a cartografia é uma ciência, uma arte e uma técnica (CASTROGIOVANNI, 2003, p.38).

A elaboração de mapas começou na Antiguidade, o mapa mais antigo do mundo foi encontrado na Mesopotâmia. Desde então foram muito avanços e hoje podemos obter imagens tridimensionais da superfície da Terra.

Anaximandro (610 a.C. 547 a.C.) que era discípulo de Tales de Mileto é considerado o primeiro cartógrafo. Em seu mapa, a Terra estava solta no espaço e não havia referência a sua forma.

Até então contávamos apenas com equipamentos que para nós, hoje são simplórios, como o astrolábio, o compasso, o sextante e a bússola. A partir do século XVI, época das Grandes Navegações, mapas traçados com maior precisão passaram a desvendar caminhos para exploradores europeus, pois representava o mundo de maneira mais próxima do real. São esses elaborados por alemães e flamengos. O mais conhecido é o Mercator.

O avanço tecnológico do século XX permitiu um grande progresso e muita precisão na elaboração de mapas. Foram adicionadas várias outras técnicas às de antigamente, como o uso de aviões para tomadas fotográficas aéreas, imagens de satélites artificiais e computadores. A partir do processamento e de análise dessas imagens, é possível elaborar vários tipos de mapas.

Hoje, os mapas estão cada vez mais precisos. Entre os inúmeros recursos utilizados pela cartografia, destacam-se: a aerofotogrametria, o sensoriamento remoto e o geoprocessamento. Todas estas técnicas utilizadas em conjunto fazem o sucesso dos mapas, porém, uma boa pesquisa de campo é necessária sempre.

A cartografia encontra-se no curso de uma longa e profunda revolução, iniciada em meados do século passado, e certamente a mais importante depois de seu renascimento, que ocorreu nos séculos XV e XVI.

A cartografia possui vários ramos de especialização, como: Cartografia Urbana, Cartografia Aeronáutica, Cartografia Geral, Cartografia Temática, dentre outros. Esse último ramo, que nós interessa a Cartografia Temática.

Na Cartografia Temática temos convenções e símbolos cartográficos que são signos e cores, utilizados para representar os elementos desejados. Existe uma padronização internacional de símbolos e cores para facilitar a leitura e interpretação dos mapas, em qualquer parte do mundo. Segundo Duarte (1999, p.) a conceituação de Cartografia Temática “trata se da parte da Cartografia que diz respeito ao planejamento, execução e impressão de mapas sobre um Fundo Básico, ao qual serão anexadas informações através de simbologia adequada”

O mapa serve como meio de comunicação, em geral o mapa é trabalhado pelo professor como ilustração na sala de aula, ao invés de ser utilizado como recurso de análise e interpretação da representação espacial. Na comunicação cartográfica deve-se analisar o cartógrafo (emissor), o mapa (mensagem) e o usuário (receptor). Precisamos ensinar nossos alunos a tirar todas estas informações que os mapas trazem e não apenas fazermos um uso limitado do mapa enquanto imagem meramente ilustrativa.

Devido ao avanço tecnológico, destaca-se o uso cada vez maior de mapas, no nosso cotidiano. Se ligarmos a televisão e assistirmos o jornal sobre o tempo, conflito, notamos que os assuntos vêm sempre acompanhados de um mapa. Mas para entendermos o que esta sendo mostrado, precisamos entender a linguagem cartográfica. Um mapa só será um meio de comunicação se a mensagem enviada pelo emissor for entendida pelo receptor.

Para esse entendimento é necessário que o aluno seja alfabetizado cartograficamente. Mas o que ocorre é que muitos professores das séries iniciais do ensino fundamental não alfabetizam seus alunos em geografia, muitos porque não sabem, assim os alunos chegam ao 6º ano sem saber conceitos básicos e importantes, para realizar uma boa leitura de um mapa, tendo muita dificuldade para decifrar a linguagem cartográfica. Assim segunda Simielli (2003, p.95-96).

Assim, a cartografia, além de ser constituir em um recurso visual muito utilizado, oferece aos professores a possibilidade de se trabalhar em três níveis:

- 1) Localização e análise – cartas de análise, distribuição ou repartição, que analisam o fenômeno isoladamente.
- 2) Correlação – permite a combinação de duas ou mais cartas de análise.

- 3) Síntese – mostra as relações entre várias cartas de análise, apresentando-se em uma carta-síntese.

Para alfabetizar o aluno em cartografia, uma das primeiras coisas a ensinar é como se realiza a leitura de um mapa, ou seja, quais elementos principais são necessários para que haja a interpretação da mensagem transmitida pelo mapa. Portanto os principais elementos de representação são:

- 1) Título – quando, onde e o que (parte superior da folha).
- 2) Subtítulo – caso necessário (letras menores).
- 3) Escala – representa o quanto foi reduzido a imagem (gráfica e/ou numérica, centralizada).
- 4) Orientação – indica a posição geográfica ( simbolizada com a rosa-dos-ventos ou somente a indicação do norte ou sul).
- 5) Legenda – elemento mais importante do mapa (normalmente localiza na parte esquerda do mapa) onde se localiza os símbolos para compreender o mapa.
- 6) Fonte – origem das informações mapeadas, deve ser completa(parte superior a direita).
- 7) Autor – responsável pelo desenho (parte inferior).
- 8) Órgão ou instituto – órgão para o qual o documento cartográfico é confeccionado ( parte inferior)
- 9) Data – parte inferior: data de confecção do mapa; data muito importante deve constar no título: data da informação.
- 10) Encarte – ampliar uma determinada porção do mapa.

Os símbolos e as composições gráficas usados pelos meios de comunicação social para transmitir conteúdos, sobretudo os voltados para educação, têm sido, demasiadamente, atrativos e segregadores. A imagem cartográfica, considerada também, expressão de uma linguagem, tem relevante papel no estímulo à observação e interpretação das relações que se manifestam no espaço geográfico. O continente africano, quase nunca considerado um território como entidade histórica, tem sido durante muito tempo, o mais mistificado e explorado.

[...] detalhe que chama atenção é a representação do continente africano. Raramente são citados os países. A África inteira parece um país e não um mosaico de etnias e cultura as mais diversas possíveis. Em alguns desenhos aparecem países em destaque geográfico: o Egito [...] e a África do Sul [...]. Alguns anos atrás até foi mencionado o Marrocos – resultado se um curiosidade para saber onde acontecia a trama da novela das oito da Rede Globo, O Clone. (SEEMANN, 2013, p. 86 -87)

A África aqui é o condutor principal dessa reflexão, que traz no seu bojo a importância dos mapas como instrumento tanto de pesquisa como de comunicação. Para que os alunos possam entender melhor toda esta diversidade que existe dentro do continente africano é fundamental que o mesmo tenha um contato com o mapa da África.

Assim, esse trabalho de conclusão de curso foi elaborado pensando-se nos professores do ensino fundamental dos anos finais da disciplina Geografia, de acordo com as diretrizes e base para educação em nosso país e estado de Minas Gerais. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

É muito importante neste momento o professor tornar a cartografia um recurso rotineiro em sua sala de aula. Mas é fundamental que a utilização dos mapas e outros recursos gráficos não sejam banalizados. Por exemplo, é muito comum usar o atlas para localizar a ocorrência de um fenômeno, o que é reduzir o papel dos mapas à possibilidade de compreensão e explicação dos estudos geográficos. O que se sugere é uma ampla utilização dos mapas de diferentes tipos para questionar, analisar, comparar, organizar, correlacionar dados que permitam compreender e explicar as diferentes paisagens e lugares. Nesse sentido a prática da leitura crítica e do mapeamento consciente permite algumas aquisições metodológicas em três níveis: SIMIELLI, 1994. Aquisições simples: • Conhecer e identificar os pontos cardeais. • Saber se orientar com uma carta. Encontrar um ponto sobre uma carta com as coordenadas geográficas ou com o índice remissivo. Saber se conduzir com uma planta simples. Extrair de plantas e cartas simples apenas uma série de fatos. • Saber calcular altitude e distância. Saber se conduzir com um mapa rodoviário ou com uma carta topográfica. Aquisições médias: Medir uma distância sobre uma carta com uma escala numérica. Estimar uma altitude por um ponto da curva hipsométrica. Analisar a disposição das formas topográficas. Analisar uma carta temática representando um só fenômeno (densidade populacional, relevo etc.). Reconhecer e situar as formas de relevo e de utilização do solo. Saber diferenciar declives. Saber reconhecer e situar tipos de clima, massas de ar, formações vegetais, distribuição populacional, centros industriais e urbanos e outros. Aquisições complexas: Estimar uma altitude entre duas curvas hipsométricas. Saber utilizar uma bússola. Correlacionar duas cartas simples. Ler uma carta regional simples. Explicar a localização de um fenômeno por correlação entre duas cartas. Elaborar uma carta regional com os símbolos precisos. Saber elaborar um croqui regional simples (com legenda fornecida pelo professor) e posteriormente com legenda elaborada pelo aluno. Saber levantar hipóteses reais sobre a origem de uma paisagem. Analisar uma carta temática que apresenta vários fenômenos. Saber extrair de uma carta complexa os elementos fundamentais. (SIMIELLI, 1994).

O público alvo a ser atingido, vai da faixa etária de 12 anos a 14 anos, de 6º ao 9º ano, levando em conta ou não sua alfabetização cartográfica, pois as atividades devem ser adequadas pelo professor para cada nível de conhecimento cartográfico.



O material pedagógico desenvolvido é uma Coletânea de Mapas Africanos que foi projetada de forma simples, clara e objetiva, com intuito de fornecer um material para auxiliar o educador no ensino cartográfico e acima de tudo sobre espaço geográfico e histórico africano. O material pode ser impresso pelo professor e utilizado para auxiliar diversos tipos de atividades com os alunos.

Como supracitado o território africano, muitas vezes foi tratado com teorias e histórias estereotipadas, carregadas de preconceitos. E uma das formas que a Geografia poderia atuar é trabalhando com a cartografia que é um tema que traz grandes desafios para o professor de Geografia, e que aliado a outro desafio de ensinar o espaço africano, faz com que o conhecimento do educando e educador seja mútuo.

Então pensando na qualidade do ensino que desejamos proporcionar aos nossos alunos , elaborei essa coletânea, com mapas acessíveis a todos. Disponibilizados na própria escola impresso ou na internet. Ou que podem ainda serem utilizados pelos professores em suas preparações de aulas com slides.

A Coletânea de Mapas pode ser utilizada de várias formas: para localizar, relacionar, para fazer brincadeiras educativas, com músicas, dentre outros. Basta deixar fluir a criatividade e explorar o material.

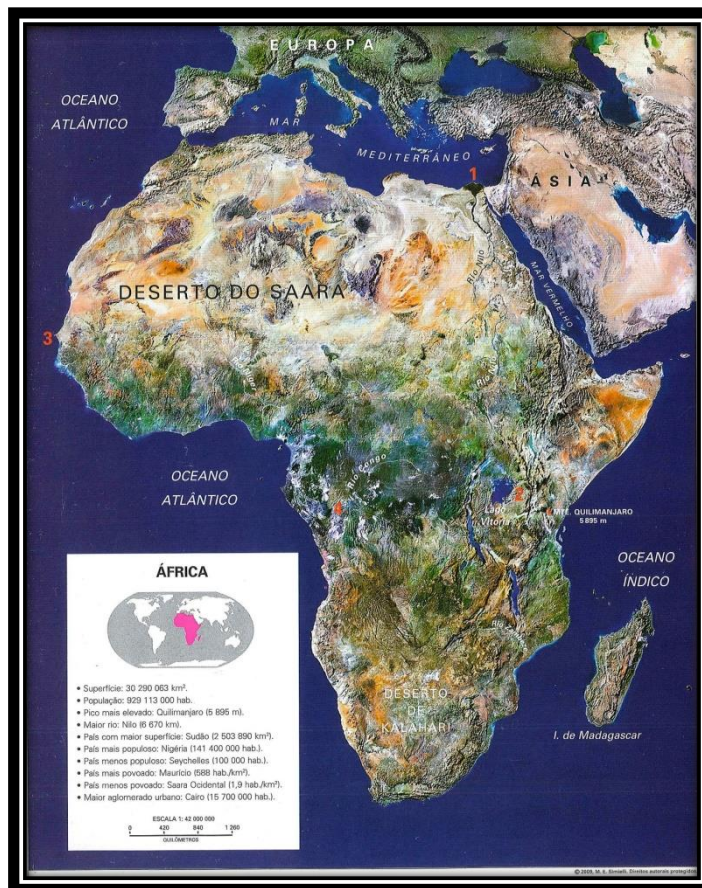
Aqui esboço algumas atividades que o professor poderá utilizar e/ou usar como base para criar e adaptar para suas aulas a título de exemplificação.

- 1ª Atividade

- ✓ Objetivo: Mostrar que um mapa feito de forma mental, ajuda o aluno a compreender sua visão do mundo.

Atividade: Cada aluno recebe uma folha de papel em branco para desenhar um mapa mental do Continente Africano. Em seguida, os mapas serão pregados na parede da sala de aula e iniciaremos a discussão sobre os resultados. As indagações poderão ser: o que levou os alunos a desenhar os mapas de tal maneira? Por que o conhecimento sobre a África é tão moderado? Por que alguns países e territórios ficaram distorcidos ou nem apareceram?

- ✓ Mapas que pode ser utilizado da coletânea: imagem de satélite e mapa político.



**Figura 1 - Mapa de Satélite**

• 2ª Atividade

Objetivo:

- ✓ Propiciar ao aluno uma melhor compreensão do espaço geográfico em suas dimensões físicas e sociais
- ✓ Apresentar as possibilidades que os programas Google Earth oferece.

O uso do programa do Google Earth – laboratório de informática.

Como introdução mostra como usar o programa, familiariza – lós. Depois poderemos viajar pela África, para observa aspectos físicos e humanos, podemos escolher um pais, uma cidade, uma área de conflito, uma fronteira, entre outros.

- ✓ Mapas que pode ser utilizados da coletânea: político, vegetação, físico, riqueza natural e miséria humanas, geopolítico, impérios do Mali e Songai, fronteiras coloniais e cidades e Estados antigos.



**Figura 2 - Mapa Político**

- 3ª Atividade

Objetivo:

- ✓ Identificar, no mapa político do mundo, localização da África e seus países.
- ✓ Conhecer sobre os grupos étnicos Yorubá e Bantu.
- ✓ Conhecer sobre a cultura africana: língua falada, alimentação e vestuário.

Inicie a aula com apresentação da letra da música África do grupo Palavra Cantada (data show), letra disponível em: <http://www.vagalume.com.br/palavra-cantada/africa.html>. Em seguida, solicite que cada aluno leia um trecho da música, após a leitura, exibir a gravação da música em vídeo, África – DVD “show Brincadeiras Musicais da Palavra Cantada” (3min 39seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yGv47mv7874>. Após a execução da música, propor um debate com o objetivo de apresentar o continente Africano e seus vários países.

Debate sugerido:

- Vocês conhecem esse musica?
- Sobre o que fala?
- O que vocês sabem sobre a África?
- Quais países africanos são citados na musica?
- Vocês sabem alguma coisa sobre o povo africano?
- Quem sabe dizer sobre uma contribuição do povo africano para o povo brasileiro?

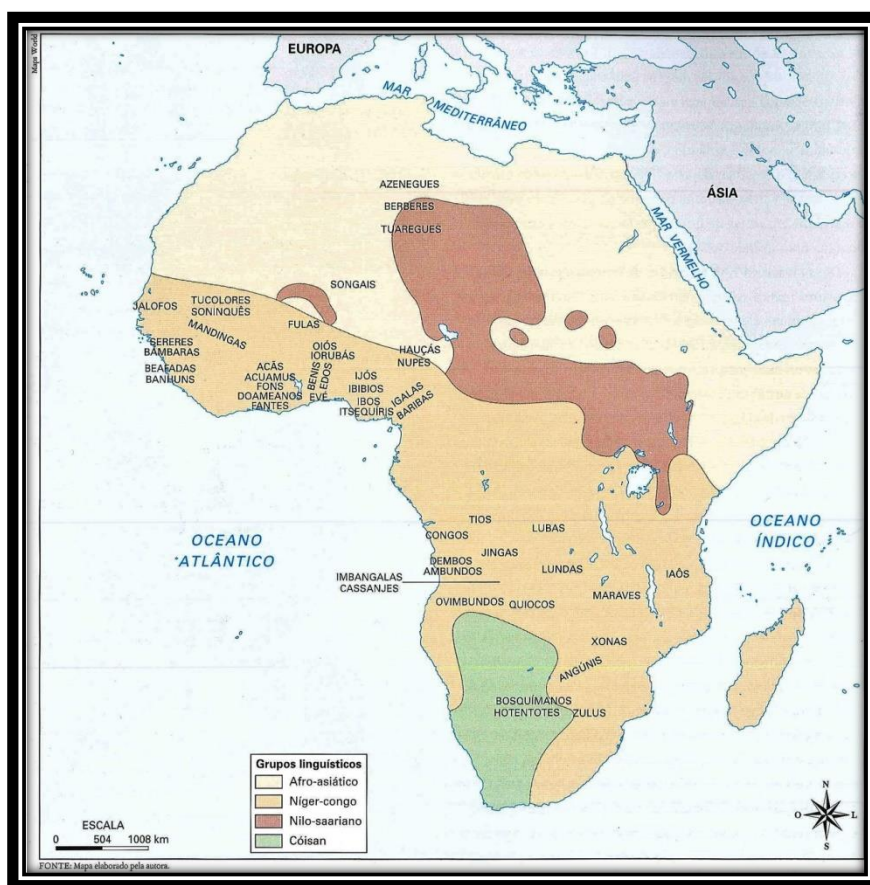
Depois de ouvir a musica, apresenta o mapa mundi. Solicitando os alunos que identifique o continente africano, não se esqueça de lembra-los dos outros continentes.

Após a visualização do mapa mundi, apresenta também, o mapa político do continente africano. Solicite que o aluno identifique no mapa os países mencionados na música, África. Distribua uma cópia do mapa político da África com atividades. Localize e pinte os países abaixo:

- 1) Senegal ( pintar de verde)
- 2) Nigéria (amarelo)
- 3) Gabão (alaranjada)
- 4) Sudão do Sul (cinza)
- 5) Tanzânia (vermelho)
- 6) Namíbia (rosa)
- 7) Guiné-Bissau (marrom)

Você pode também levar os alunos no laboratório de informática, e propor que eles pesquisem sobre os países citados na musica, as seguintes informações:

- a) Dialeto;
  - b) Costumes;
  - c) Como se veste;
  - d) Condições de vida;
  - e) O que tem em comum com os brasileiros.
- ✓ Mapa que pode ser utilizado da coletânea: político, grupos linguístico, riqueza natural e miséria humana, geopolítica, portos de embarque de escravizados e rota de tráfico.



**Figura 3 Mapa grupos linguísticos**

- 4ª Atividade

O aluno aprenderá:

- ✓ Conhecer as principais rotas de tráfico de escravizados, trazidos para Américas.

Apresentar o Mapa sobre: As rotas do tráfico de Escravos africanos para Américas, explicando que havia diversas rotas que os navios negreiros seguiam da África para as Américas. Nesta atividade, vamos desvendar tais rotas, investigando as sua origens na África e principais lugares no Brasil e na América para onde os grupos de africanos foram trazidos.

Em seguida, responda no caderno:

- 1) Como os grupos de africanos cativos encontram-se divididos no mapa?



- 2) Para quais regiões do Brasil cada grupo foi trazido?
  - 3) Quais outras regiões da América receberam escravos? Estes pertenciam a qual(is) grupo(s)?
- ✓ Mapa que pode ser utilizado da coletânea: rota de tráfico e portos de embarque de escravizados.



**Figura 4 - Mapa dos portos de embarque dos escravizados**

## **Considerações finais**

Esperamos que após o exposto o leitor se convença que o uso da linguagem cartográfica é de fundamental importância para o desenvolvimento do aluno na execução de suas atividades diárias, desde uma simples indicação de um caminho até situações mais complexas que necessitem de uma análise mais apurada do espaço a sua volta. Portanto, as noções cartográficas devem estar presentes no intelecto das pessoas, todavia como já foi explanado, alfabetizar cartograficamente os alunos, desde as séries iniciais, corresponde numa atividade pedagógica fundamental para o bom desenvolvimento da cognição visual do aluno, não só para o seu aprendizado dos conteúdos geográficos mais também para a vida do aluno que passará a conhecer a representação do espaço em que vive ou do espaço que está sendo estudado.

As noções cartográficas ao serem adquiridas pelos alunos desde cedo possibilita que os mesmos tenham melhores desempenhos, nas próximas séries, no entendimento das questões espaciais. Sabe-se que as dificuldades para trabalhar com cartografia são muitas, a falta de materiais adequados são uma delas, estes encontram-se em poucas quantidades e as vezes tem que ser improvisados pelos professores por isso esperamos que este material pedagógico possa ser útil na resolução deste problema, uma vez que é de fácil impressão.

## Referências

GASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org.). Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: GASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualização no cotidiano**. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 38.

DUARTE, Paulo Araújo. **Elementos de cartografia** .5 ed. Santa Catarina: Ed. UFSC, 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo: Histórias, línguas, cultura e civilizações**. [3 ed.]. São Paulo: Gaudí Editorial, 2012, p. 59-60-87.

OLIVEIRA, C. **Dicionário Cartográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 1983.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental**. Brasília, 1998.

Portal do Professor. Disponível em:< <http://portadoprofessor.mec.gov.br> >. Acesso em: 05 jan. 2017.

SCHWARZ, Lília Moritz. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2010, p.104.

SEEMANN, Jorn. **Carto-Crônicas: uma viagem pelo mundo da cartografia**. 2 ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013, p.50-86-87.

SIMIELLI, Maria Elena Ramos. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Geografia na sala de aula**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2003, p.95.

\_\_\_\_\_. **Geoatlas**. 33 ed. São Paulo: Ática, 2010, p. 50-52-59.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africanos**. 1 ed. São Paulo: Ática, 2014, p. 13-15-17-20-57-158.



## PARTE II - O MATERIAL DIDÁTICO

# AFRIQUE

# Coletânea de Mapas da África

Ensino Fundamental II

Aline Marques(organizadora)

2017



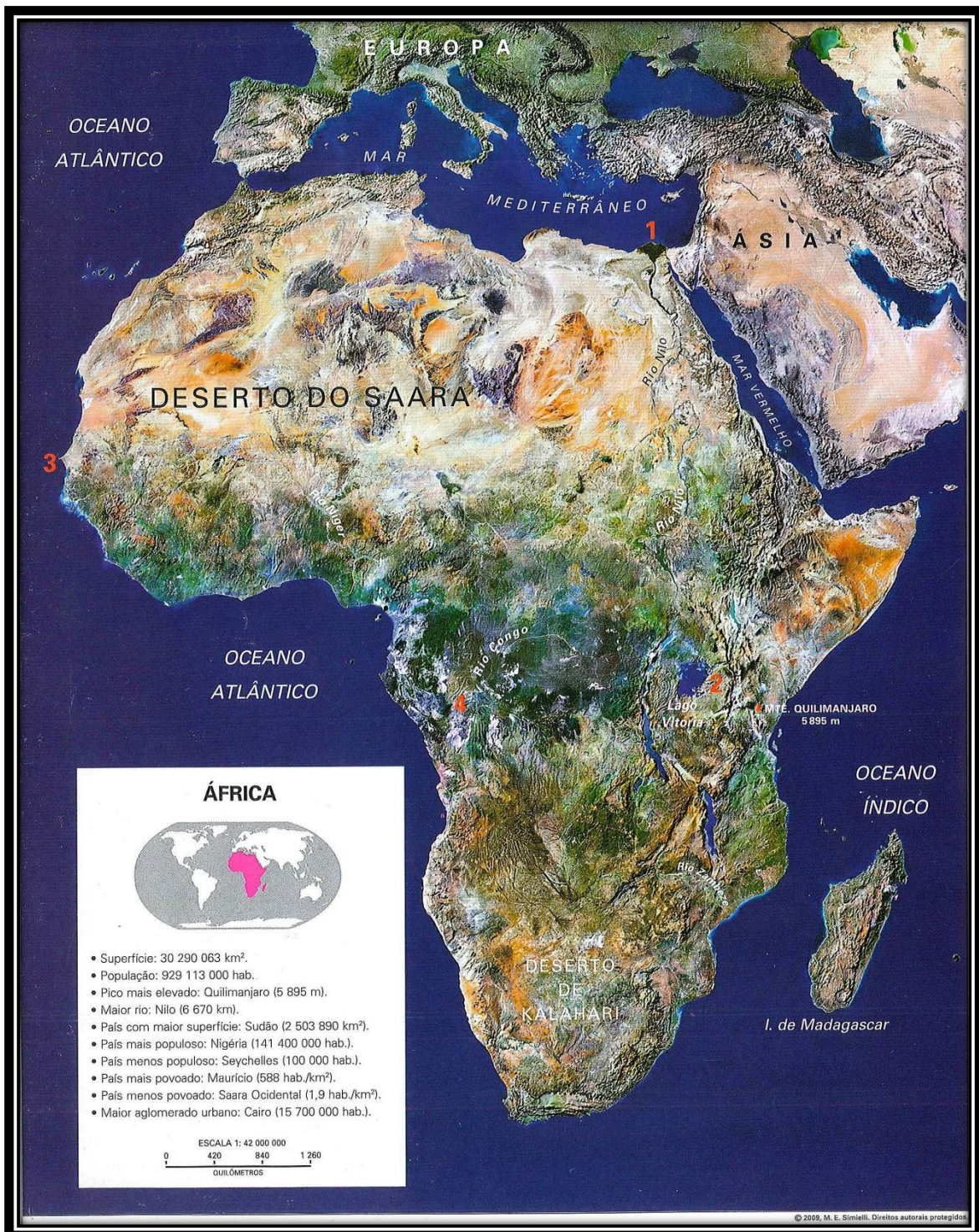
## ÁFRICA POLÍTICO



Retirado em: SOUZA, 2015, p.17



## ÁFRICA IMAGEM DE SATÉLITE



Retirado em: SIMIELLI, 2010, p. 50.

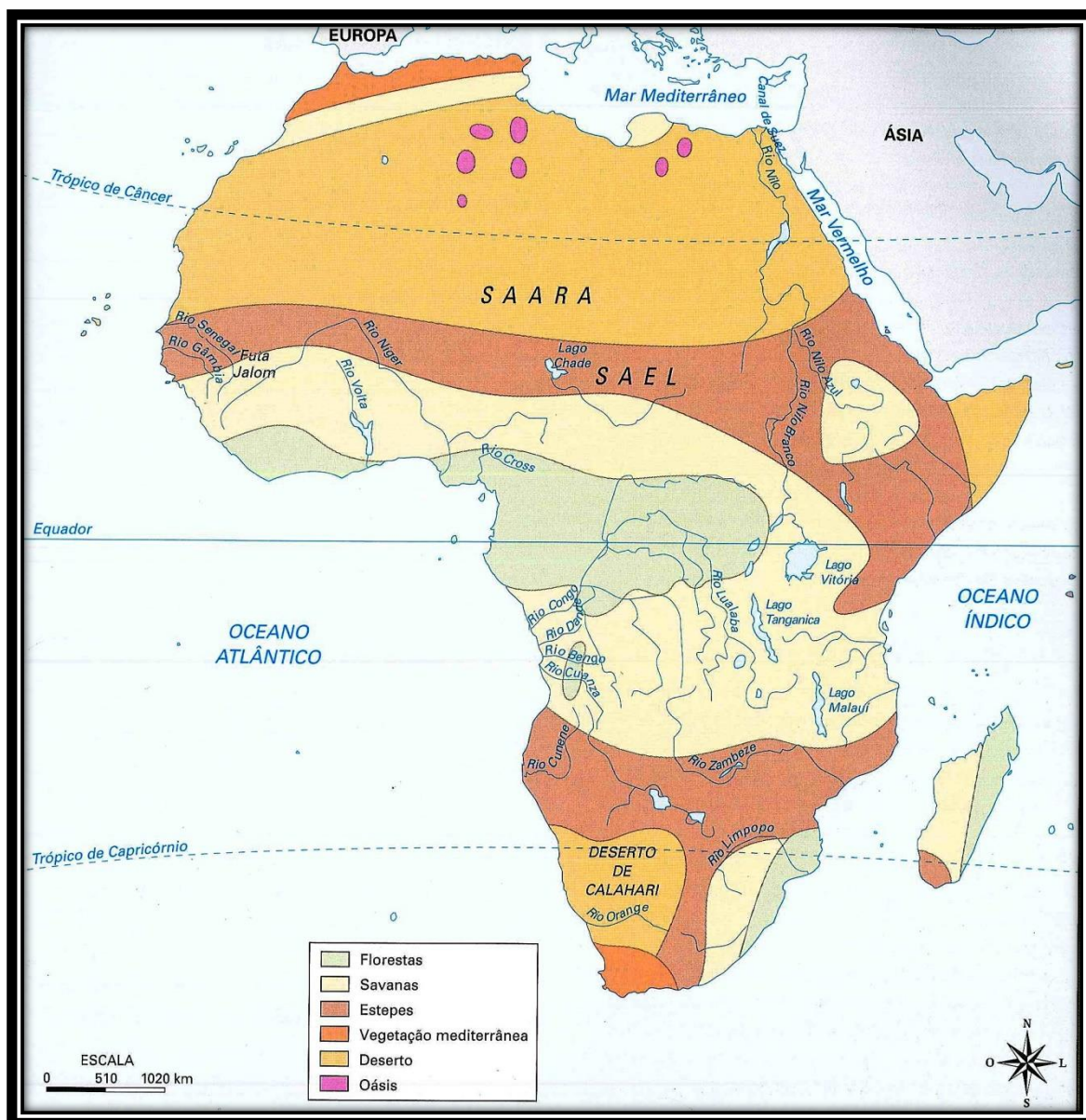


# ÁFRICA FÍSICO



Retirado em: SIMIELLI, 2010, p.52.

## ÁFRICA VEGETAÇÃO



Retirado em: SOUZA, 2014, p.13.

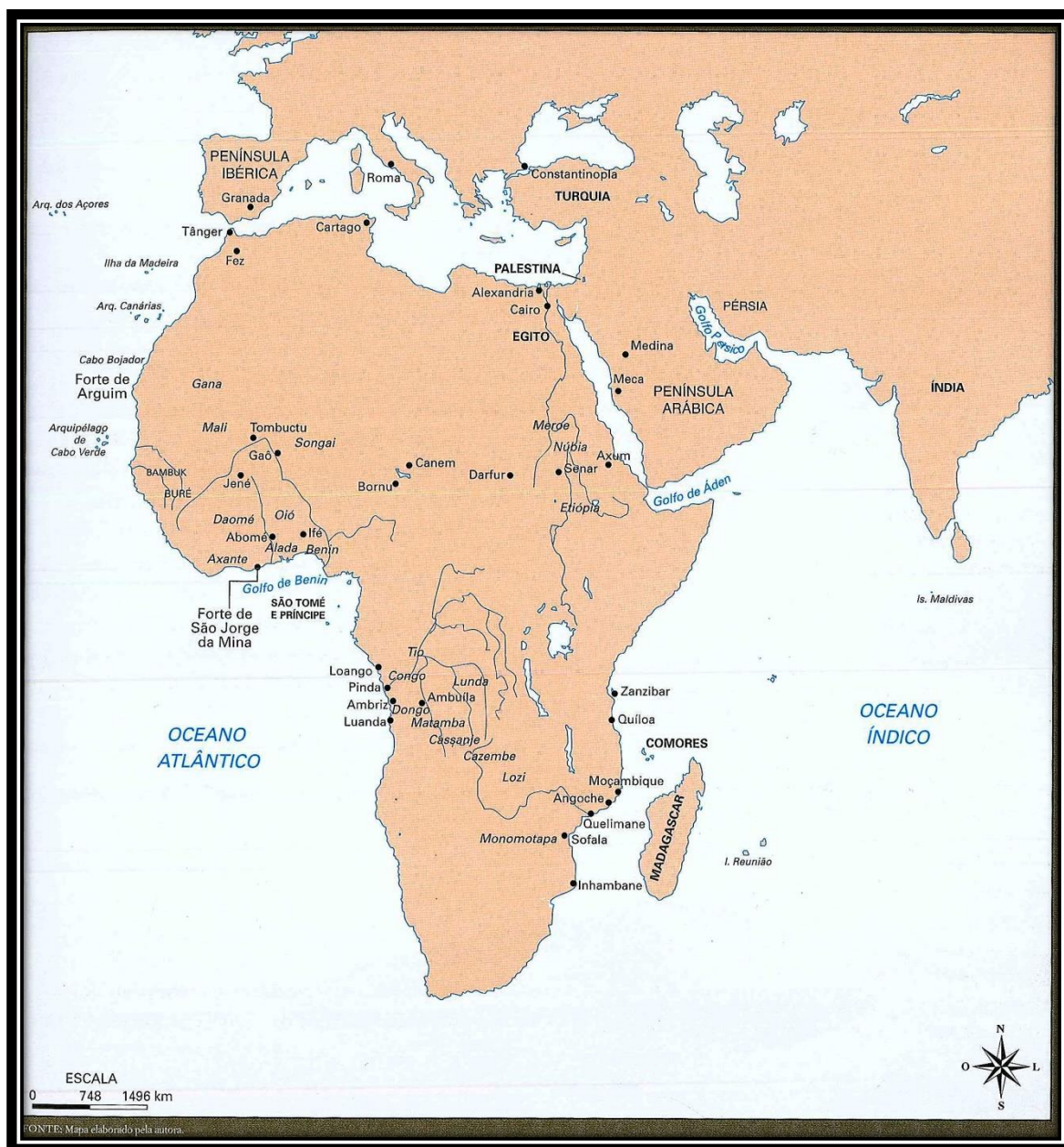


# ÁFRICA GRUPOS LINGUÍSTICO



Retirado em: SOUZA, 2014, p. 20.

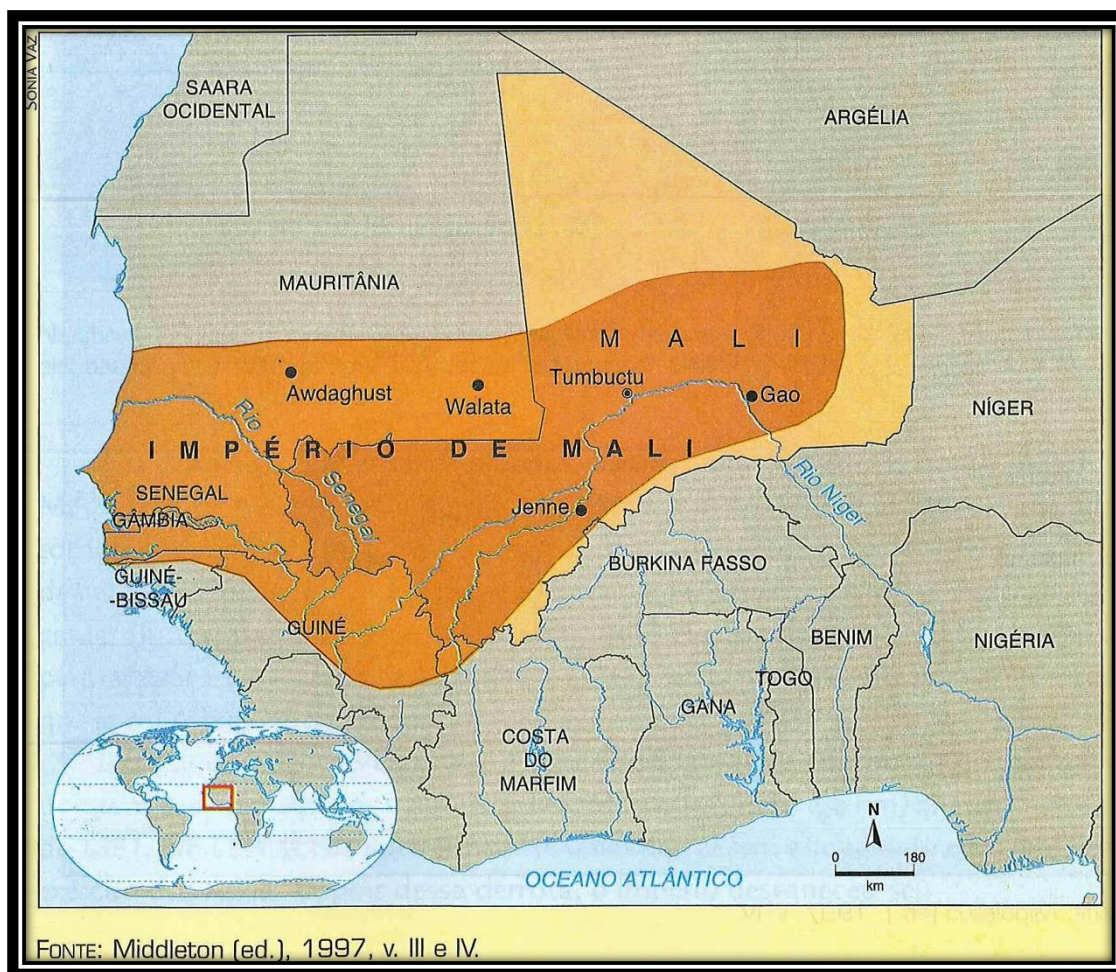
## ÁFRICA CIDADES E ESTADOS ANTIGOS



Retirado em: SOUZA, 2014, p.15.

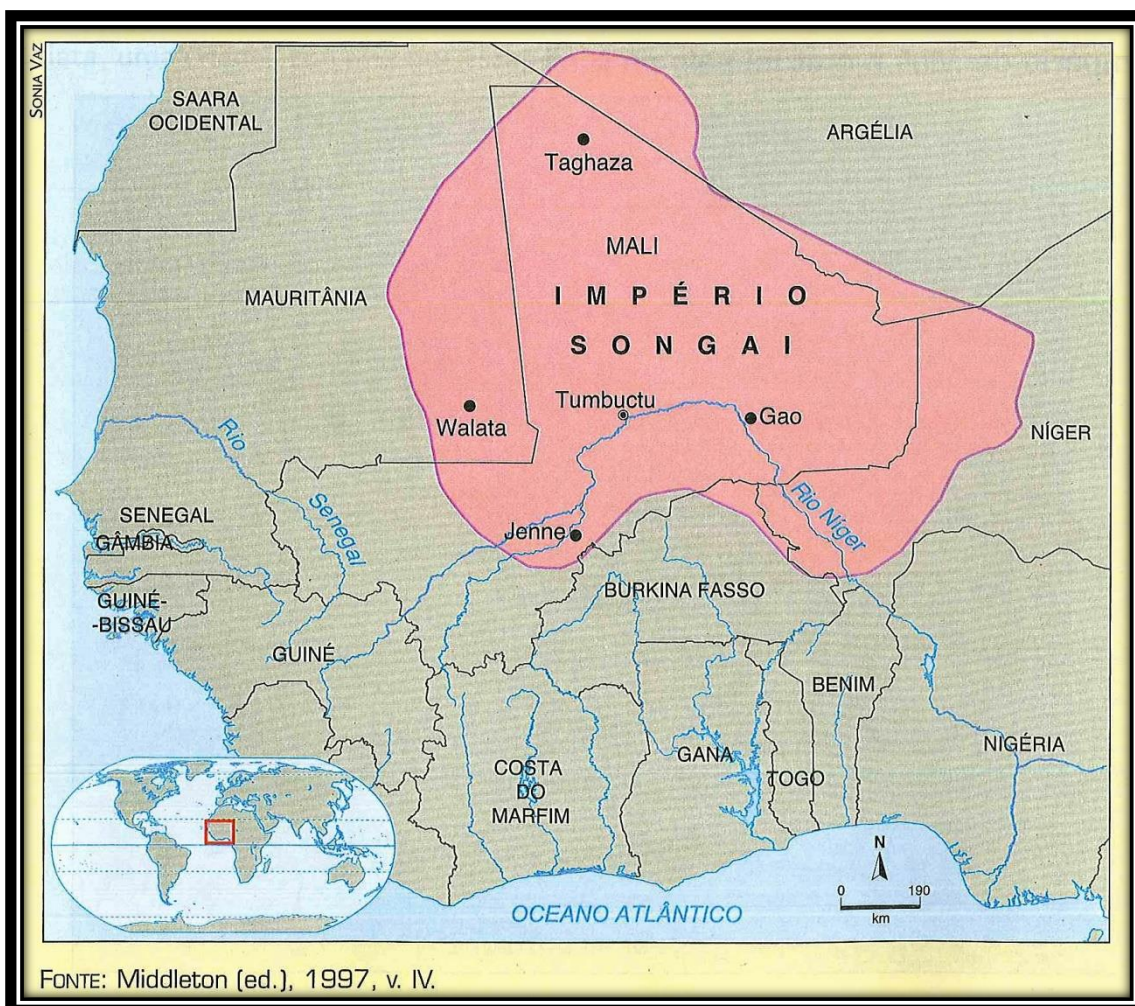


## ÁFRICA IMPERIO DO MALI



Retirado em: MUNANGA, 2012, p.59.

## ÁFRICA IMPÉRIO SONGAI



Retirado em: MUNANGA, 2012, p. 60.

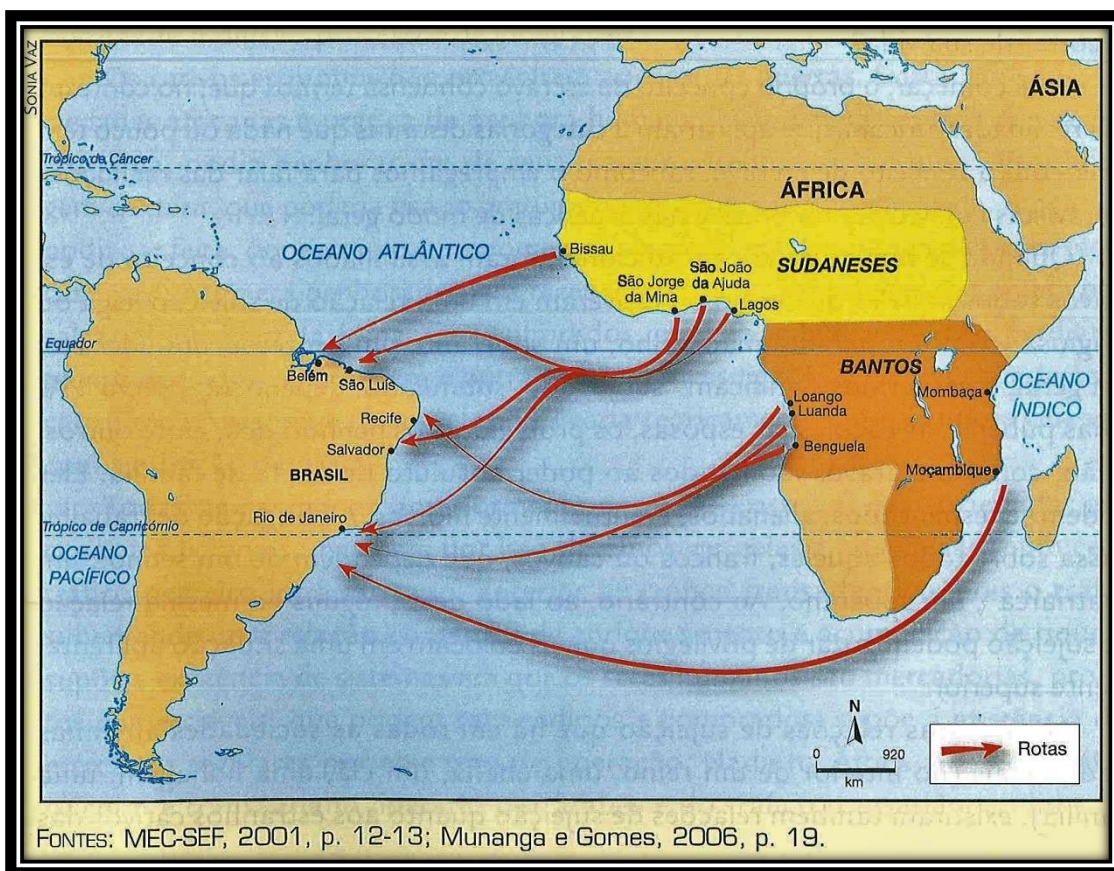


## ÁFRICA PRINCIPAIS PORTOS DE EMBARQUE DE ESCRAVIZADOS – COSTA ATLÂNTICA



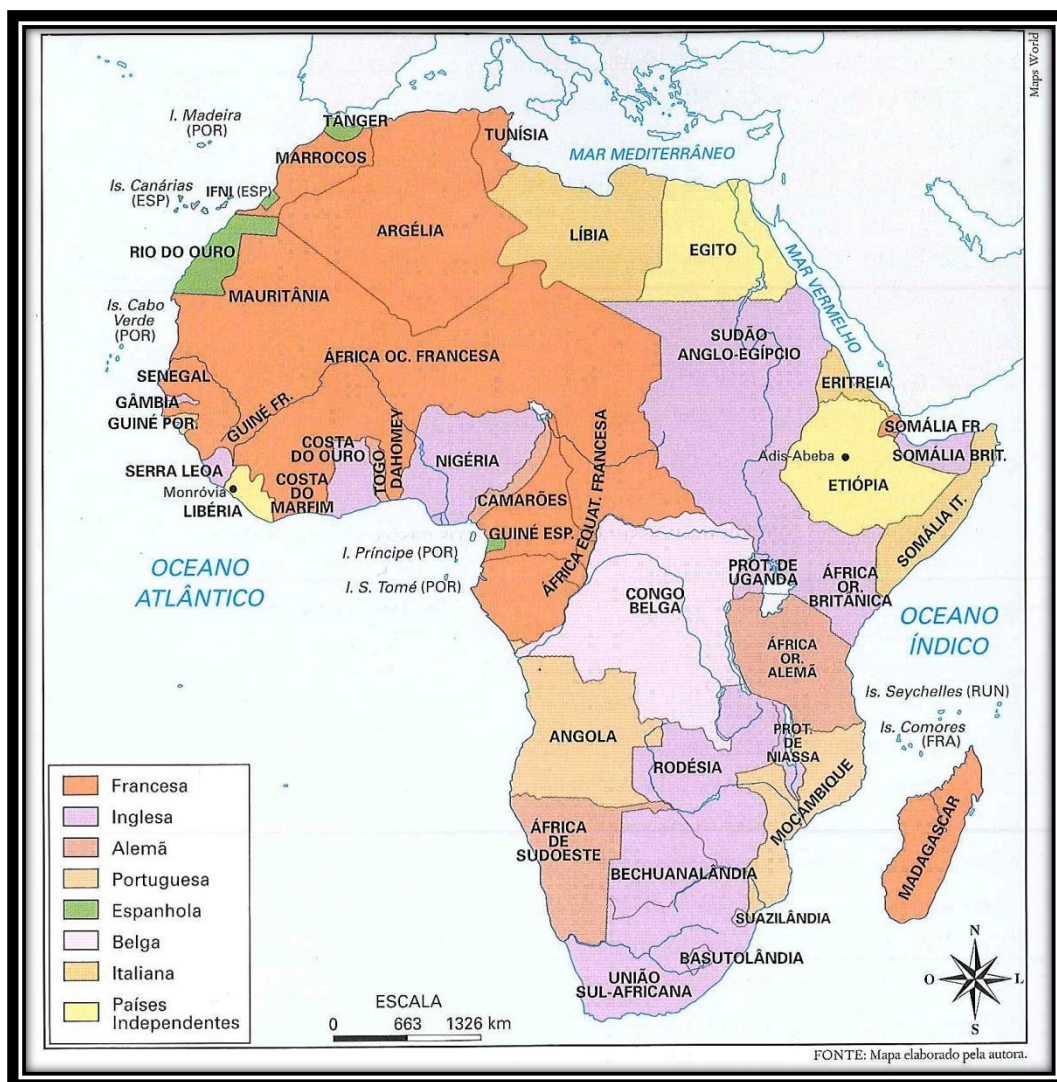
Retirado em: SOUZA, 2014, p 57.

## ÁFRICA ROTA DO TRÁFICO TRANSATLÂNTICO



Retirado em: MUNANGA, 2012, p. 87.

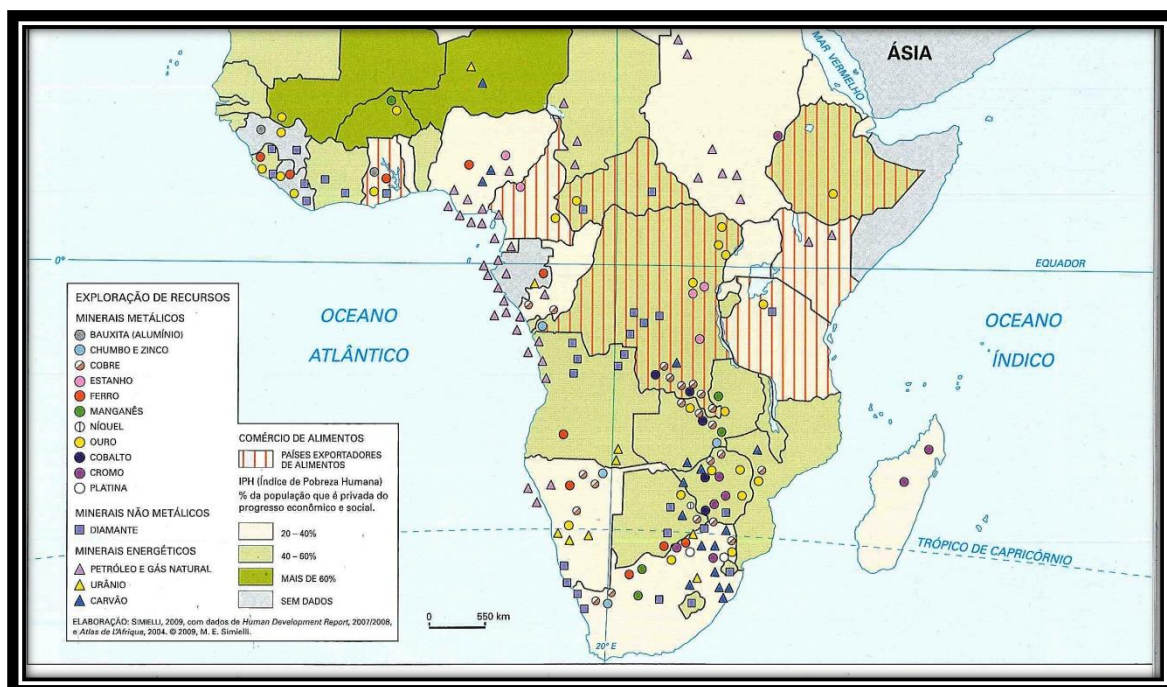
## ÁFRICA FRONTEIRAS COLONIAIS



Retirado em: SOUZA, 2014, p.158.

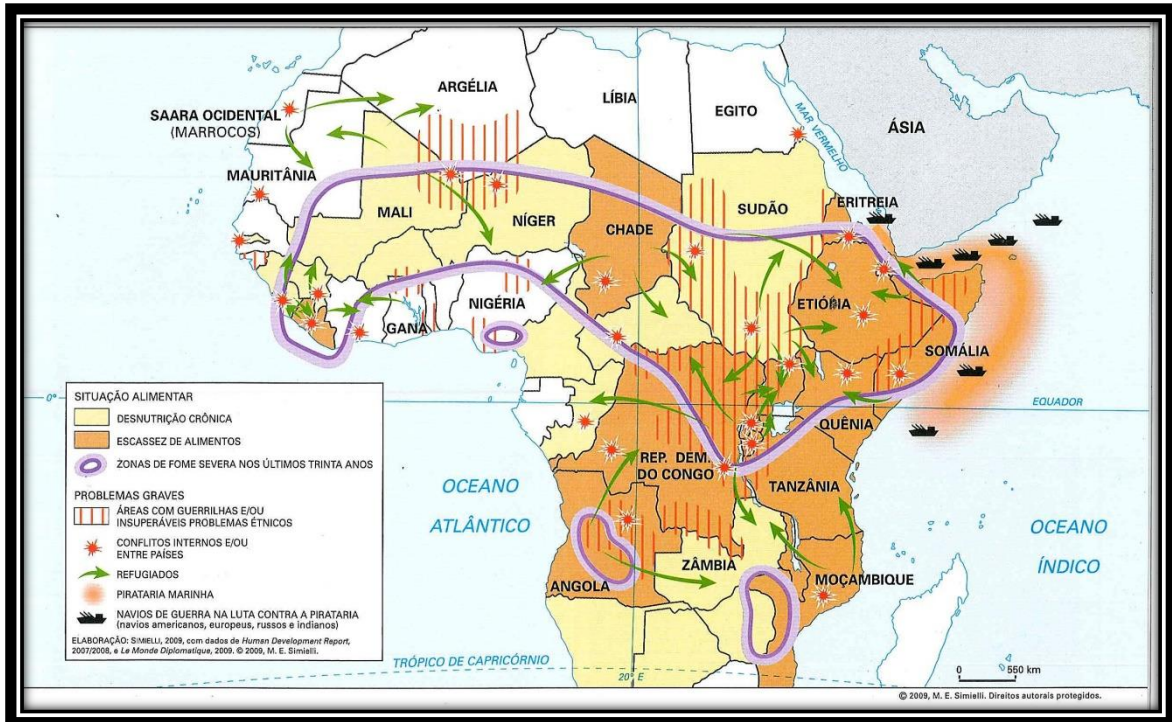


## ÁFRICA RIQUEZA NATURAL E MISÉRIA HUMANA



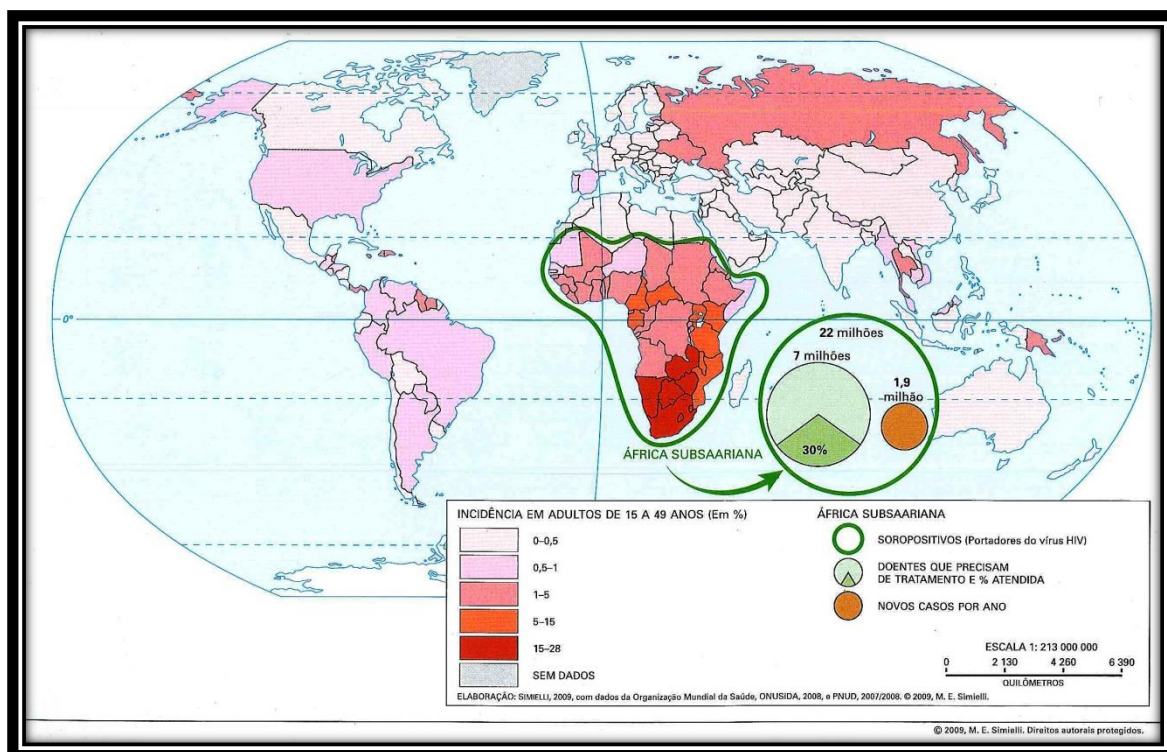
Retirado em: SIMEILLI, 2010, p. 59.

## ÁFRICA GEOPOLÍTICA – PERMANÊNCIA OU MUDANÇAS (HOSTILIDADE À VIDA HUMANA)



Retirado em: SIMIELLI, 2010, p.59.

## ÁFRICA E PEDEMIA DE AIDS E NO MUNDO



Retirado em: SIMIELLI, 2010, p. 58



## **PARTE III - PORTFÓLIO**

# **PORTIFÓLIO**

## HISTÓRIAS DE VIDA E MEMÓRIAS

Eu sempre estarei buscando aprimorar o meu conhecimento, esse foi o fim da escrita do meu memorial na graduação. Pois bem, virei Professora de Geografia. É agora, Aline!?

Nos meus cinco anos lecionando não consegui aprimorar o meu conhecimento, almejava o mestrado, mas achava incapaz de entrar na Universidade Federal de Juiz de Fora, e também pensava que primeiro tinha que fazer uma especialização antes do mestrado.

Assim em uma tarde de domingo que essa situação começou a mudar. A amiga Josiane também professora, mas de história, ligou informando que havia aberto inscrição para pós-graduação na UFJF, de História da África, gratuita. A princípio fiquei receosa pelo meu sentimento citado acima a respeito da Universidade e por ser do departamento de História. Mas resolvi encarar o desafio escrevi uma carta de intenções engessada, não tinha minha essência, resultado, não fui classificada. Pronto, minha frustração e a incapacidade de estudar na Federal estavam expostas.

Ledo engano, mas tarde chegou à notícia que os excedentes poderiam fazer a matrícula. Imagina minha felicidade e empolgação. Bom consegui, estou estudando na Universidade Federal.

Começou as aulas, módulo I – Representações sobre a África, fiquei apavorada e atônica, muita informação, rápido, não entendia algumas questões históricas, muitas vezes saí da aula com sensação de derrota, pouca inteligência, desanimada de voltar, não estava dando conta. Isso era tão gritante em minha alma, que já havia afirmado se as aulas do próximo módulo fossem desse jeito, não ia prosseguir no curso.

Mas nessas aulas tinha momentos que eu me encontrava, quando mostravam situações preconceituosas que já havia vivido, mostrou o quanto sou preconceituosa e como ainda trago em minha prática educacional e na vida estereótipos impostos pela sociedade, aonde engolia sem questionar, ou seja, o perigo de uma única história.

Lembro-me de uma passagem de minha vida, meus sobrinhos, frutos de uma união inter-racial, aonde nasceram o Gustavo de pele clara e cabelo liso e Maria Eduarda pele escura e cabelo crespo. Pois bem, Maria Eduarda não se enxergava negra de cabelo crespo, seus desenhos de autorretrato na escola infantil eram sempre brancos de cabelo loiro.



Acessado em: [https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSR9zwwkQHC9EvzE6GpgJCQ455X-MqoCG13G-cgDoG9KY\\_GPo8s](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSR9zwwkQHC9EvzE6GpgJCQ455X-MqoCG13G-cgDoG9KY_GPo8s). Dia:02/10/2016.

A professora não sabia lidar com essa situação, e se fosse comigo também não saberia. O curso abriu esse olhar peculiar em minha mente, demonstrando como a literatura infantil desenvolveu temas de autoconhecimento, de cor da pele, cabelo, diferenças, dentre outros.



Acessado em: <https://www.google.com.br/livros/infantis/afro>. Dia:02/10/2016.

Outra passagem que o curso fez lembrar é como a meus pais instruiu a mim e meu irmão, que há discriminação social e racial, que devemos resistir combater o preconceito e ser forte.

Então em minha adolescência final da década de 90, surgiu a revista Raça que tratava e tratam questões raciais e negras no Brasil, memorável suas primeiras edições, respondia meus anseios sociais e comportamentais. Havia

uma luz no fim do túnel. Mas por esta inserida em um mundo capitalista, globalizado e preconceituoso a revista deixou de trazer questões sociais e de comportamento dos negros, só escreviam sobre moda. Isso não bastava para meus desejos, sonhos e inquietações.



Acessado em: [https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQSzE5FadPn9ZzIFmxO8G12pnU-9KptVJM3teudaurBmsLaf\\_ai](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQSzE5FadPn9ZzIFmxO8G12pnU-9KptVJM3teudaurBmsLaf_ai). Dia: 02/10/2016.

Assim por muito tempo essa questão racial, modo de vida e discriminação ficou esquecido, até reaparece com força total neste curso, fazendo questionar minha vida é profissão.

Ao questionar muitas vezes o que eu estava fazendo a li, digo, no curso, cheguei a dizer que se os próximos módulos fossem iguais ao primeiro, desistiria do curso. Tal foi minha surpresa que módulo seguinte a Prof.<sup>a</sup> Sonia Regina Miranda apresentou outro mundo, fiquei maravilhada com sua aula, sua didática, suas discursões sobre memória e desconstrução do espaço da escola.

Pronto fiquei! Fui convencida nas primeiras palavras da Prof.<sup>a</sup> Sonia. Dizia o seguinte: sobre o ensino tradicional, onde o professor tem o domínio e o dever de transmitir a verdade e o aluno é receptivo e tem mostra que assimilou através de provas, e isso tem que ser repensado. É nos professores tem o papel fundamental na quebra da cultura escolar, na reconstrução do espaço escolar.

Agora entendo, estou no lugar certo.

Aline de Freitas Marques

## Repensando a aprendizagem: leituras críticas a partir da práxis

Como dito na primeira parte deste portfólio o início do curso foi complicado para mim. Já que me sentia perdida no meio de tantas informações. Mas depois quando os módulos começaram a falar do conhecimento associado a prática escolar, fui me reconhecendo no curso e gostando.

Os módulos II (Memória, Identidade e Cultura Escolar) e III (Práticas Pedagógicas e Ensino de História da África) não decepcionaram, confesso que sou apaixonada pelas aulas que mostram a cultura africana, como a aula da Prof.<sup>a</sup> Gisela, uma convidada da Prof.<sup>a</sup> Sonia, que exibiu como é possível trabalhar a cultura africana na escola. Muito parecido com a aula da Prof.<sup>a</sup> Perses, uma contadora de história que transformou a vida de seus alunos e a minha também.

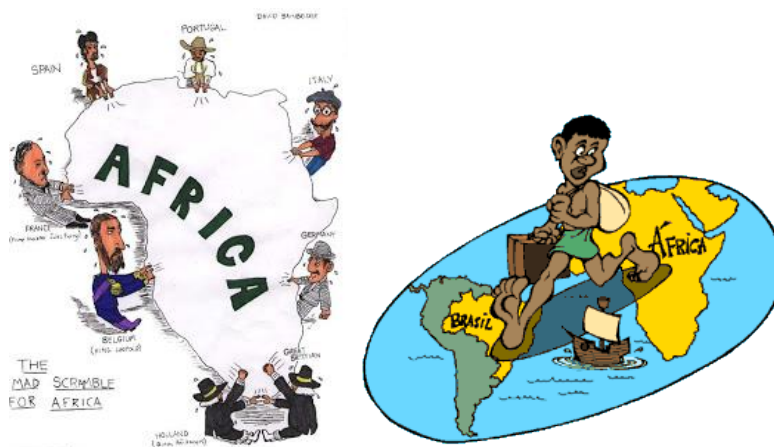


Acessado em: <http://portalbrasil10.com.br/wp-content/uploads/2016/04/afrihorz.jpg>. Dia 22/10/2016.

Prof.<sup>a</sup> Perses contou a luta para obter um espaço físico e mental para a quebra da cultura escolar tradicional e introduzir o estudo africano na vida de seus alunos. Depois de tanto insistir com a direção da escola, conseguiu uma sala mal conservada, teve que arregalar as mangas para deixá-la confortável para seus alunos. Nessa sala desenvolviam várias atividades: contação de histórias literárias e vivenciadas, vídeos, biblioteca e confecção de artesanatos africanos, esse trabalho rendeu um blog, onde todas as atividades realizadas eram postadas.

O módulo V (História das Sociedades Africanas) trouxe temas específicos e de fácil colocação na aula de Geografia: Tráfico de escravos, Colonialismo, resistência e Independência. O módulo IV falou da Oralidade e

de quão importância do falar e do ouvir nas sociedades africanas, e percebi como nossa sociedade esta impregnada dessa oralidade, mais uma herança valiosa.



Acessado em : [http://www.canalkids.com.br/arte/musica/imagens/heranca\\_africana.gif](http://www.canalkids.com.br/arte/musica/imagens/heranca_africana.gif) .Dia: 22/10/2016.

Dentro dessa oralidade estão os Griot, que são indivíduos responsáveis de guarda a historia de sua comunidade de forma oral, ou seja, conserva a memoria coletiva, e são escolhidos de forma criteriosos, tem que ter a linhagem dos griot e passar por treinamentos. Por isso que se diz “Quando na África morre um ancião é uma biblioteca que desaparece”. Segundo Massa Makan Diabaté, griot mais importante de nosso tempo “um griot é testemunha do passado, cantor do presente e mensageiro do futuro”. Assim se dá a grande importância dessa figura emblemática de conserva a palavra da narração e do mito.

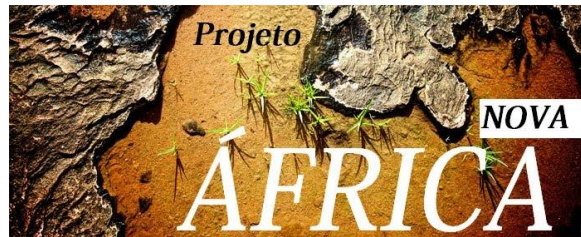


Acessado em : [https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRmNdcB66lVxe3oRjHkZHdMt\\_fjX5lHs1h45iHaa9cOoDE1Qs7](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRmNdcB66lVxe3oRjHkZHdMt_fjX5lHs1h45iHaa9cOoDE1Qs7) . Dia 22/10/2016

Com essas novas aulas, fez surgir um novo pensar, um novo agir sobre minha aula de Geografia, minha prática. Usar mais oralidade, desmitificar o



tráfico, as independências coloniais, quebra a lógica da história contada nos livros didáticos, ou seja, contar a verdade e buscar cada vez mais conhecimento.



Acessado em: <http://2.bp.blogspot.com/--sK7RWHKUI/VXxe03V3zcl/AAAAAACHA/05Trj7uD-24/s1600/paesaggi-africa-66.jpg> . dia 22/10/2016

África tem dois momentos na disciplina Geográfica de sala de aula. Eu já identifico esses momentos, o difícil é engendra um conhecimento favorável à idade, ao tempo, a estrutura, a mentalidade dos alunos e da escola. Tenho tentado incansavelmente.

Assim, esses dez meses de curso já fizeram diferença em minha prática e em meus conhecimentos. Falo da África com muito mais propriedade, não vejo mais a Mama África como apenas um lugar de sofrimento, miséria, conflitos e mortes. Hoje, a minha visão é diferenciada, seletiva, sem determinismo pré - estabelecido. Mostro em sala de aula os problemas socioeconômicos enfrentados pelo continente africano, mas também mostro a riqueza do povo, da cultura e como influenciou e continua influenciando a cultura em nosso país.



Cidade do Cabo – África do Sul



Lagos – Nigéria

Acessado em: [http://imgsapp.em.com.br/app/noticia\\_127983242361/2016/06/08/760861/20160608085638847457o.jpg](http://imgsapp.em.com.br/app/noticia_127983242361/2016/06/08/760861/20160608085638847457o.jpg) . Dia : 22/10/2016.



Acessado em: <http://revistamuala.com/wp-content/uploads/2016/06/revistas.jpg>. Dia :22/10/2016

Portanto é um curso para a vida, para derrubar barreiras culturais, para atingir as entranhas desse mundo controverso, para abrir nosso leque de conhecimento e principalmente para que nos, enquanto professores não continuem repassando uma história única para nossos alunos.



## **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, INTERVENÇÕES E AÇÕES SOCIOEDUCATIVAS**

Como já havia dito, na segunda parte desse portfólio, a África a princípio tem dois momentos na Geografia do ensino fundamental: no sétimo ano, que trabalha Brasil a formação da população brasileira e o segundo momento no oitavo ou nono ano o Continente Africano. Esses momentos são os mais marcantes, mas com a nova visão adquirida no curso, eu tenho outras possibilidades que posso e devo trabalhar como os conceitos básicos da Geografia: paisagem, relevo, vegetação, clima e região usando como exemplo o território africano.

Essas etapas assinaladas são designadas pelo livro didático, que frente às atuais condições de trabalho do professor, torna-se cada vez mais um instrumento, senão indispensável e necessário para as atividades didático-pedagógicas. Assim o livro didático deve conter as novas realidades do cotidiano e a valorização de um novo currículo, que traga um alto valor a grande diversidade cultural, econômica e social.

Pensando dessa forma, a lei 10.639 assinada no ano de 2003, que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira em toda instituição educacional brasileira, promovendo a igualdade racial. No entanto, os livros didáticos de Geografia continuaram engessados nestes momentos supracitados a cima, somente agora em 2016 os livros de Geografia que vieram para a escolha dos professores, para o exercício de 2017,2018 e 2019, desmistificando os estereótipos dessa cultura. Percebe que depois de 14 anos os autores dos livros estão despertando para a realidade do cotidiano, que a cultura afro-brasileira e africana ela pode perpassa no ano todo escolar.

É muito triste saber que demorou esse tempo todo para começar a pensar em um novo currículo, assim, surgem às indagações. Quanto tempo vai demora, em acordar realmente? Quando a lei 10.639 vai ser implementada totalmente?

Com todas essas análises, conflitos e indagações, eu tenho trabalhado em cima destes momentos africanos na Geografia de forma diferente do livro. Uma das aulas realizadas no sétimo ano sobre a formação da população brasileira, que cominaram com a confecção de cartazes e apresentação de costumes dos povos que formaram nossa cultura. Foi realizada dessa forma:

- Aula: Formação da População Brasileira.
- Material: aula expositiva, livro didático, imagens, mapas, tabela e biblioteca.
- Objetivos: Entender o processo de formação do povo brasileiro; Refletir sobre a importância de cada um dos povos que deram origem à população brasileira; Valorizar a diversidade étnica da sociedade brasileira, repudiando o preconceito e a discriminação.
- Desenvolvimento:
  - Começo mostrando a imagem de uma arquibancada de um estádio de futebol repleta de torcedores, é possível observar uma amostra da população brasileira. Pergunto para eles que tipos físicos da população brasileira aparecem na imagem.



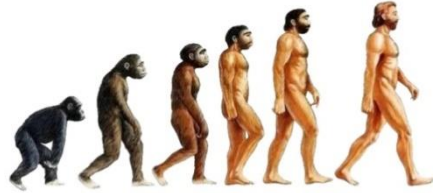
Acessado em: [http://img.r7.com/images/2013/07/01/10\\_57\\_35\\_267\\_file?dimensions=460x305](http://img.r7.com/images/2013/07/01/10_57_35_267_file?dimensions=460x305).

Dia: 13/11/2016.

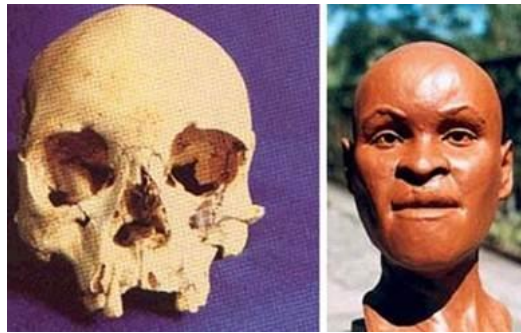
- Para contatar a diversidade étnica do povo brasileiro, realizo a atividade explorando a própria origem dos alunos, peço que consultem seus pais, avós, tios e outros parentes e verifiquem se, entre os seus parentes há representantes dos povos formadores da população brasileira. Depois, solicitei a eles que

exponham para os colegas a origem dos seus principais parentes.

## EVOLUÇÃO DO HOMEM



Acessado em: <http://image.slidesharecdn.com/origemdouniversoeaevoluohumana-140223110058-phpapp01/95/origem-do-universo-e-a-evoluo-humana-16-638.jpg?cb=1424609073> . Dia: 13/10/2016



Fóssil do crânio do "luzia" descoberta arqueológica na América. Acessado em: [https://1.bp.blogspot.com/-fnDG2Nhy20s/VwWnXHBGuFI/AAAAAAAAAT0/IMi-WMZEIvkwKXr5AKcJUJ\\_r7mojbPMIA/s1600/Luzia.jpg](https://1.bp.blogspot.com/-fnDG2Nhy20s/VwWnXHBGuFI/AAAAAAAAAT0/IMi-WMZEIvkwKXr5AKcJUJ_r7mojbPMIA/s1600/Luzia.jpg) . dia 13/11/2016

- Com o mapa "Brasil – cor autodeclarada" do IBGE, explico o censo demográfico segundo a cor no Brasil. Utilizo o texto do IBGE para explicar o significado da expressão "cor autodeclarada" – "Como o IBGE investiga a cor das pessoas no censo"



Acessado em:

[http://s2.glbimg.com/dH0deOfV5IRQ98Cith21Euv37Ns=/620x465/s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2013/11/05/mapa\\_etnias\\_2.jpg](http://s2.glbimg.com/dH0deOfV5IRQ98Cith21Euv37Ns=/620x465/s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2013/11/05/mapa_etnias_2.jpg) . Dia:13/10/1016

- Nesta etapa trabalho com trechos de texto de valorização da diversidade étnica do povo brasileiro: “Identidade indígena: o orgulho de ser índio”- Gersem dos Santos; “O povo brasileiro” – Darcy Ribeiro; “Cidadania em preto e branco” – Maria Aparecida Silva Bento. Também trabalho movimentos de resistências, cabelos afros, emprego, escolaridade, criminalidade, dentre outros.
- Avaliação: os alunos confeccionaram cartazes das diferentes expressões culturais oriundas de cada povo formador da população brasileira. Foi dividida a turma em grupos, e cada equipe responsável por um povo. Quando foram apresentar eles trouxeram roupas, acessórios, comidas típicas, que são herança cultural que cada etnia contribuiu para grande diversidade cultural brasileira.

Essas aulas foi um sucesso, os objetivos foram alcançados, surtiu efeito desejado do aprendizado é o aluno foi o protagonista. Percebi que os alunos negros, há grande maioria, tinha vergonha de sua origem, de seu cabelo, de sua cor, isso foi quebrado e a autoestima valorizada.

Seguindo a linha da Geografia o meu trabalho de conclusão de curso seria uma coletânea de mapas da África. A cartografia sempre foi um desafio para os professores da disciplina. Então você imagina que os professores de outras disciplinas também encontre um grande entrave na leitura dos mapas.

Nesta coletânea de mapas terá os principais mapas relevantes para o estudo da África, listei alguns:

- Mapa político;
- Mapa físico;
- Morfoclimático;
- Animais;
- Regionalização;
- Demarcação de regiões (Sahel, Magreb, Saara);
- População;
- Principais reinos;
- Partilha/etnias;
- Conflitos/tensões;
- Línguas (origem);
- Economia;
- Oferta de água;
- Produto interno bruto;
- Fome/ doença (AIDS);
- Educação;
- Refugiados;
- Bases portuguesas;
- Origem dos africanos que chegaram no Brasil;
- Rota dos navios negreiros.

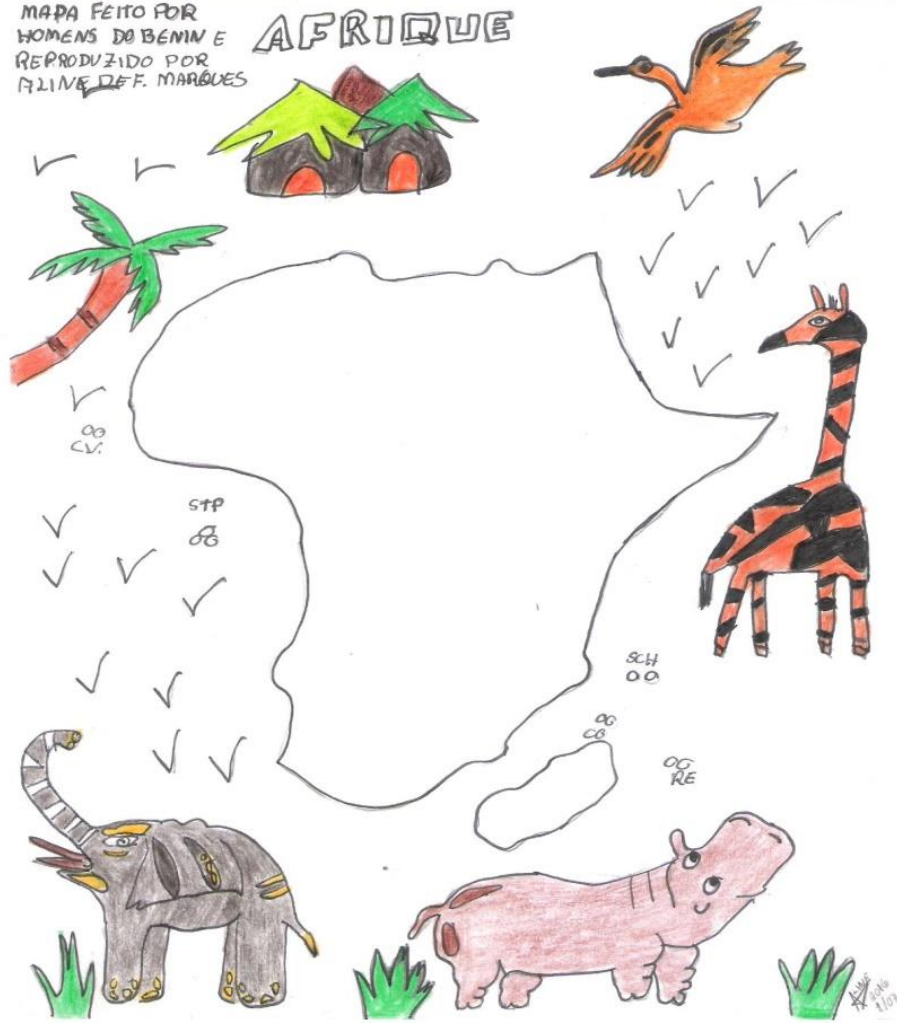
É claro, que todos esses temas listados acima, precisam passar por uma análise, para desenvolver os mais pertinentes e também por não haver tempo hábil.

Cada mapa vai ser acompanhado por um texto explicativo para ajudar o leitor no entendimento do mapa, usando métodos da cartografia e do conhecimento adquirido no curso.

É apenas uma ideia, mas é a maneira que encontrei de unir a Geografia e a História de África e de auxiliar no trabalho didático-pedagógico dos profissionais da educação.

MAPA FEITO POR  
HOMENS DO BENIN E  
REPRODUZIDO POR  
ALIVE DEF. MARQUES

# AFRIQUE



## Considerações Finais

É o fim da odisseia!!

Foi heroico a minha permanência no curso, foi um ano turbulento de perdas, de sofrimento e de angustias.

Quantas vezes eu pensei em desistir.

Quantas vezes eu fui sem motivação.

Quantas vezes o meu corpo estava presente,

É minha alma voava.

Prosseguir, prosseguir era o verbo a segui.

Pois bem, a palavra fez a minha cabeça. Estou aqui no final do curso, que abriu a minha mente sobre África, africanidade, preconceito, estereótipos, oralidade, história, cultura, música, religiosidade, territórios, línguas, ou seja, é olhar para o continente africano e percebe nele minha origem, meu passado, presente e futuro.

E não calar-se mais diante dessa história, não se acovarda perante situações preconceituosas, é assumir ser negra, ser mulher e acima de tudo ser da Raça Humana.

Assim, durante o curso e a fomentação do portfólio eu pude perceber como é difícil escrever sobre si, colocar no papel suas vivências, rever suas opiniões e praticas pedagógica.

Há também empecilho ao trazer esse novo conhecimento para escola (discentes e docentes), que esta tão enraizada em uma cultura tradicional, estereotipada. É complicado vencer essas barreiras educacionais, mas não é impossível.

Pois, a Pós História da África não traz nenhuma receita pronta, ela apenas nos dá os ingredientes, quem vai misturar e tanger o modo de fazer sou eu. O jeito de agir é infinito.

Tenho que arregaçar as mangas e ir a luta, fazer vale a lei 10.639, que ainda é incipiente, só é lembrada no dia 20 de novembro – Dia da Consciência Negra.

Eu quanto professora e cidadã acredito que a história da África e a história do Brasil é um conjunto indissociável, principalmente pelo contingente de 54% da população brasileira ser afrodescendente ou se declara como tal, ou seja, mais de 100 milhões de pessoas, que ainda não tem sua história contada de forma verídica nas escolas, nos livros e nos meios de comunicação.

Portanto, o curso abril o leque de possibilidade de admirar a diversidade e respeitar a Minha História, que é a de quase todos. Assim esse não é o fim da odisseia, é apenas o começo.

“...se chorei, seu sorri, o importante é que emoções eu vivi” (Roberto Carlos e Erasmo Carlos)

Ou melhor

“...We no want die

“... Nós não queremos morrer

We no want wound

Nós não queremos ferida

We no want quench

Nós não queremos matar

We no want go...”

Nós não queremos ir...”

(Fela Kuti – Sorrow, tears, and blood)